



Universidade do Minho  
Unidade de Arqueologia

## ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Março a Dezembro de 1999



# RELATÓRIO CIENTÍFICO

Luís Fernando de Oliveira Fontes

**TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS DA U.A.U.M. / MEMÓRIAS, N.º 50, 2015**

**Ficha Técnica**

Editor: **UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UNIVERSIDADE DO MINHO**  
**Edifício dos Congregados - Avenida Central, 100**  
**P 4710-229 Braga**

Direção: **LUÍS FONTES E MANUELA MARTINS**

Ano: **2015**

Suporte: **EM LINHA**

Endereço eletrónico: <https://www.uaum.uminho.pt/edicoes/revistas>

ISSN: **1647-5836**

Título: **ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES. CAMPANHA DE MARÇO A DEZEMBRO DE 1999. RELATÓRIO CIENTÍFICO**

Autor: **LUÍS FERNANDO DE OLIVEIRA FONTES**



# Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS

n.50

2015

## ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES

Campanha de Março a Dezembro de 1999

# RELATÓRIO CIENTÍFICO

**Luís Fernando de Oliveira Fontes**  
**Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho**

Os responsáveis da intervenção arqueológica e subscritores do pedido de autorização de trabalhos arqueológicos reservam-se todos os direitos autorais, nos termos da legislação aplicável, designadamente os consagrados nos Decreto-Lei nº 332/97 e 334/97, de 27 de Novembro (que regulamenta os direitos de autor e direitos conexos) e a lei 50/2004, de 24 de Agosto (que transpõe para a ordem jurídica nacional a Diretiva nº 2001/29/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 22 de Maio, relativa a direitos de autor e conexos).

**ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS**  
**NO MOSTEIRO DE S. MARTINHO DE TIBÃES**

**Campanha de Março a Dezembro de 1999**

**RELATÓRIO CIENTÍFICO**

**Luis Fernando de Oliveira Fontes**

**Braga - Tibães      Fevereiro de 2000**

## INDICE

1 - Introdução

2 - Resultados das escavações

3 - Considerações Finais

Ilustrações

(Fotografias e Plantas)

Anexos Documentais

(fotocópias desenhos de campo)

## **1 - Introdução**

Os trabalhos arqueológicos a que este relatório respeita decorreram entre Março e Dezembro de 1999.

Conforme se referiu já no primeiro relatório, a intervenção tem por objectivo principal minimizar o impacte das obras de conservação, restauro e adaptação promovidas pelo Instituto Português do património Arquitectónico (IPPAR). Os trabalhos arqueológicos prosseguem igualmente objectivos científicos, orientados para a problemática da evolução arquitectónica do mosteiro e para os diversos modos de organização do espaço envolvente.

Integralmente financiados pelo IPPAR e executados pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, os trabalhos arqueológicos foram realizados, sob orientação do signatário, pela seguinte equipa:

Arlindo da Rocha Pinheiro (equiparado a assistente de arqueólogo); Amândio de Sousa Braga, Amélia Maria Pinheiro Ferreira da Silva, Bruno António Coelho Gomes, Bruno Manuel Rodrigues Magalhães Pereira, Eduardo de Magalhães Coelho, Hélder José da Silva Coelho, José Emílio Correia Coelho, Manuel José de Sousa Gomes, Maria Perpétua Pinheiro Ferreira, Miguel Fernando Dias Veiga, Nuno Filipe Dias Gonçalves, Nuno Miguel Araújo Ferreira, Pedro Miguel da Mota Peixoto, Pedro Miguel da

Silva Araújo, Renata Liliana Ferreira Araújo, Rui Manuel Araújo Gonçalves e Sílvia de Jesus Araújo Silva (auxiliares técnicos).

No que concerne à metodologia dos trabalhos arqueológicos, seguiram-se os procedimentos habituais, já descritos nos relatórios e memorandos anteriores. No final dos trabalhos, as valas escavadas foram revestidas com tela geotêxtil e novamente aterradas com as terras da escavação, com excepção da zona da portaria, onde as valas só foram parcialmente aterradas, deixando-se as paredes visíveis acima do novo nível de circulação, tendo em vista a sua visita.

Quanto à organização do presente relatório, segue-se igualmente o modelo dos anteriores. Assim, como complemento à apresentação descritiva dos resultados, o relatório é ilustrado com fotografias e desenhos (ver Ilustrações).

Juntam-se em “Anexos” um CD-ROM deste relatório e fotocópias de todos os desenhos de campo efectuados, ordenados por zonas. A documentação original está depositada na Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho e no Museu do Mosteiro de S. Martinho de Tibães. O espólio encontra-se depositado nesta última instituição.

#### **Notas:**

1 - A menor qualidade das fotografias deve-se ao mau funcionamento do flash da máquina utilizada, facto que só foi detectado posteriormente.

## **2 – Resultados das escavações**

Nesta campanha os trabalhos arqueológicos incidiram na *Igreja* (IGR.3 e 6), no *Átrio da Sacristia* (AS.1) e na *Portaria* (PORT.1 a 6) - ver Fig. 1, abrangendo uma área superior a 120 m<sup>2</sup> e um volume de terras removidas da ordem dos 100 m<sup>3</sup> (Fig. 1a e 1b).

Os trabalhos de acompanhamento de obra com registo de dados de interesse arqueológico estenderam-se ao interior da igreja, com crivagem dos primeiros 20 centímetros de terra de todos os taburnos, ao *Átrio do Portão dos Carros* (APC.1 – Fig.8) e aos alçados interiores do claustro do cemitério, desenhados na sua totalidade, abarcando uma área de intervenção superior a 1000 m<sup>2</sup> (ver fotografias e Anexos).

Todo o espólio recolhido nesta campanha de escavações arqueológicas recebeu já os tratamentos preliminares de lavagem, limpeza, marcação e acondicionamento, encontrando-se depositado nas instalações do Mosteiro de S. Martinho de Tibães.

### ***Igreja (IGR.3 e 6)***

As escavações arqueológicas no interior da igreja incidiram na metade poente da capela-mor, zona que se considerava poder albergar vestígios da

cabeceira medieval e/ou da capela de Nossa Senhora do Rosário, acrescentada cerca de meados de Quinhentos.

Nos dois cortes aí efectuados (IGR.3 e 6) identificaram-se, sob os espessos aterros que acompanharam a edificação da igreja moderna (1628-1661), diversos vestígios (Fig. 2):

a) restos do alicerce de uma parede com orientação S/N, conservado no topo Este de IGR.6 e visível no perfil Oeste de IGR.3, onde termina num poderoso cunhal de silharia, que marca a inflexão da parede para poente. Pela sua orientação e características construtivas, em que sobressai o aparelho de alvenaria pouco cuidada, interpretamos este vestígio de estrutura como parte do alicerce da parede nascente da capela mandada construir pelo abade comendatário Frei Bernardo da Cruz (1553-1565), que aí instituiu uma confraria de Nossa Senhora do Rosário e na qual viria a ser enterrado (ARQUIVO MOSTEIRO DE SINGEVERGA, *Crónica do Antigo Real e Palatino Mosteiro de S. Martinho de Tibaens desde a sua primeira fundação athe ao presente*, 1745, (da autoria de frei Marceliano da Ascensão), Cx.16, Lv.19, fl. 166; frei Leão de S. Tomás (introdução e notas críticas de José Mattoso)- *Benedictina Lusitana*, Tomo I, (edição fac-símile do original editado em Coimbra em 1644), Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa, 1974, 391).

b) na banda Sul de IGR.3, dois covachos abertos na terra - um de secção circular e cerca de 40 centímetros de profundidade, que atinge o xisto de base, mais junto ao alicerce acima referido. E outro de secção quadrada, com cerca de 25 centímetros de profundidade e estruturado com calhaus de médias dimensões, localizado a cerca de 1 metro para nascente do anterior. Poderá tratar-se de buracos de postes ou estacas de andaimes de

construção, relacionáveis portanto com a edificação da capela de N. Sra. do Rosário acima referida;

c) em IGR.6 uma sepultura em caixa pétreia, com paredes formadas por lajes graníticas, algumas delas elementos arquitectónicos reaproveitados. De forma trapezoidal e orientação O/E, , com a parte da cabeceira oculta no perfil Oeste, foi encontrada sem cobertura e com enchimentos de aterro indiciadores de violação, sem quaisquer restos ósseos. Na ausência de elementos identificadores do personagem que aqui terá sido sepultado, fica em aberto a possibilidade de se tratar da sepultura original de Frei Bernardo da Cruz (os seus restos viriam a ser trasladados para uma nova sepultura na ala meridional do claustro do cemitério (ARQUIVO MOSTEIRO DE SINGEVERGA, *Crónica do Antigo Real e Palatino Mosteiro de S. Martinho de Tibaens desde a sua primeira fundação até ao presente*, 1745, (da autoria de frei Marceliano da Ascensão), Cx.16, Lv.19, fls.177-178).

Aquando da reconstrução seiscentista da igreja (1628-1661<sup>1</sup>), cujos poderosos alicerces, com cerca de 1,80 metros de largura, se fundam no solo natural a mais de 3 metros de profundidade, as estruturas acima descritas foram demolidas quase na totalidade, sendo recobertas por um espesso aterro de terras arenosas sem entulhos.

É essa estratigrafia cuja leitura se apresenta no corte AB (Fig. 3): composta quase integralmente por aterros, distingue-se bem um conjunto inferior correspondente à demolição da edificação quinhentista (camadas 1 a 20) e um superior relacionado com a construção da igreja no século XVII e ampliação da capela-mor no século XVIII (camadas 21 a 25).

Descrição da estratigrafia em IGR.3 (Fig.3):

- 1 - Solo natural (arena de alteração do xisto). Terra de cor amarela alaranjada, matriz argilosa, de média consistência.
- 2 – Aterro de preparação. Terra de cor castanha, com mistura de terra avermelhada, contem bastantes carvões, é argilosa e de média consistência.
- 3 – Argamassa de enchimento. Terra de cor castanha clara, argilosa e de média consistência. Incorpora cascalho miúdo.
- 4 – Com as mesmas características da camada 2, mas com uma maior mistura de terra vermelha.
- 5 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha escura, matriz argilosa e de média consistência, incorpora cascalho e fragmentos de telha.
- 5a – Bolsa de terra esbranquiçada, arenosa e pouco consistente.
- 5b – Idem, 5a.
- 6 – Aterro de demolição. Terra de cor avermelhada, matriz areno-argilosa, incorpora cascalho e fragmentos de telha.
- 7 – Aterro de demolição. Terra de cor cinzenta, com mistura de areia e algumas pontas de terra avermelhada. Contém cascalho e fragmentos de telha. A sua consistência é média.
- 8- Aterro de demolição. Terra de cor castanha escura, com algumas pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.
- 9 – Idêntica à camada 8, apresenta no entanto, uma cor mais alaranjada.
- 10 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha, com pontas de argamassa branca, é argilosa e de média consistência.

---

<sup>1</sup> Datas inscritas na cartela pintada no lado setentrional do tramo inicial da igreja. Estas datas respeitarão à conclusão da estrutura geral do templo, pois a documentação regista obras complementares e de acabamentos até à década de noventa do século XVII.

11 – Aterro de demolição. Terra de cor branca acinzentada, matriz arenosa e pouco consistente.

12 – Aterro de demolição. Terra de cor avermelhada com pontas de argamassa branca (estruque). A matriz é argilosa e de média consistência, incorpora abundantes fragmentos de xisto alaranjado, fragmentos de telha e tijolo e algumas pontas de carvão.

13 – Idêntica à camada 10.

14 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha escura, com pontas de carvão, fragmentos de telha e cascalho, é argilosa e de média consistência.

15 – Aterro de demolição. Terra de cor amarela (tipo saibro). Contém cascalho. Elevada consistência.

16 – Aterro de demolição. Terra de cor cinzenta acastanhada, com pontos de carvão. Matriz areno-argilosa, incorpora cascalho e fragmentos de telha. Média consistência.

17 – Variação acastanhada da anterior.

18 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha escura, com bolsas de terra mais clara e bastantes pontas de xisto. Contém calhaus, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão. Tem matriz argilosa, de média consistência.

19 – Variação alaranjada da anterior.

19a – Idêntica à 18.

20 – Aterro de demolição. Bolsa de terra com cascalho, de cor castanha acinzentada.

21 – Aterro de construção. Terra de cor cinzenta, matriz areno-argilosa e cascalho miúdo. Consistente.

21a – Aterro de construção. Mistura de terra acinzentada e amarela.

22 – Aterro de construção. Terra de cor branca acinzentada, matriz arenosa e pouco consistente.

23 – Aterro de construção. Terra de cor castanha acinzentada, contém cascalho e areias. Consistente

24 – Idêntica à anterior.

25a /25i – sucessão de aterros de construção formados por camadas de matriz arenosa, de coloração variável entre branco-sujo e amarelo esbranquiçado, com ligeira compactação.

Descrição da estratigrafia em IGR.6 (Fig.3):

1 – Corresponde à camada 2 de IGR.3.

1a – Idêntica à camada anterior.

2 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha escura, com mistura de terra amarelada, contém cascalho, calhaus, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão. A matriz é argilosa, de média consistência.

3 – Enchimento de sepultura. Terra de cor cinzenta escura, de matriz argilosa e média consistência. Contém cascalho e pontas de carvão.

4 – Corresponde à camada 5 de IGR.3.

4a – Variação cinzenta e mais compacta da anterior.

5 – Idêntica à camada 4.

5a – Idêntica à camada 5.

6 – Aterro de demolição. Terra de cor castanha, com pontas de xisto e de argamassa esbranquiçada. Incorpora cascalho e fragmentos de telha, é argilosa e de média consistência.

6a – Idêntica à camada 6.

7 – Aterro de demolição. Terra esbranquiçada de matriz arenosa e consistência média.

8 – Idêntica à camada 6.

9 – Corresponde à camada 7 de IGR.3.

10 – Aterro de demolição. Terra de cor amarelada, matriz argilosa e consistente. Contém cascalho, calhaus e fragmentos de telha.

11 – Corresponde à camada 10 de IGR.3.

12 – Corresponde à camada 12 de IGR.3.

13 – Corresponde à camada 16 de IGR.3.

14 – Corresponde à camada 18 de IGR.3.

15 – Aterro de demolição. Bolsa de terra de cor amarela, tipo saibro, com cascalho. Consistente.

16 – Aterro de demolição. Terra castanha acimentada, com pontas de xisto, cascalho, fragmentos de telha e pontas de carvão. É argilosa e de média consistência.

17 – Argamassa acimentada do enchimento das juntas das pedras do alicerce.

18 – Aterro de demolição. Terra de cor branca, matriz arenosa e de fraca consistência. Incorpora cascalho e fragmentos de telha.

19 – Idêntica à camada 15.

20 – Aterro de demolição. Terra castanha acimentada, matriz areno-argilosa, fraca consistência. Contém pontas de argamassa branca.

20a e 20b – Variações mais claras da camada 20.

21/24 – Idênticas às camadas 25a /25i de IGR.3.

O espólio recolhido nestes dois cortes é exclusivamente cerâmico. Escasso e muito fragmentado, apresenta características concordantes com os

dois grandes conjuntos da sequência estratigráfica: produções comuns de tradição tardo-medieval e produções vidradas modernas.

### *Átrio da Sacristia (AS.1)*

A sul da capela-mor, escavou-se praticamente toda a área correspondente ao átrio da sacristia. Para além de se terem evidenciado as alterações construtivas associáveis à reconstrução e remodelação do século XVII, nas quais se reaproveitaram alguns materiais anteriores, como a tampa sepulcral quinhentista soterrada no alicerce do cunhal sudeste do transepto moderno, identificaram-se restos significativos da edificação medieval (Fig.4).

Efectivamente, no lado sul do átrio, sob a passagem do claustro para a sacristia, encontraram-se os restos do alicerce de uma parede em arco de círculo e arranque de tramo recto com junção apilastrada. Bem assente no solo natural, com uma espessura de aproximadamente 1,20 metros, de excelente aparelho de cantaria granítica, com blocos dispostos ora de testa ora de peito e miolo preenchido com cascalho e argamassa de saibro e argila, este resto de parede revela características construtivas que se enquadram nos padrões românicos. Um capitel de feição claramente românica foi recolhido no aterro associado à demolição desta parede.

A sua planimetria, definida por um tramo recto e outro semi-circular, corresponde ao troço de ligação da nave com a cabeceira, mais precisamente ao topo setentrional do arco triunfal. Trata-se portanto dos restos de um templo com abside semicircular, que corresponderia à edificação medieval românica de Tibães, que de um modo genérico se pode datar do século XII.

A Norte da ábside identificaram-se restos de sepulturas estruturadas em caixa pétreia de blocos irregulares, implantados na rocha de base. Apesar de destruídas, percebe-se com clareza a sua orientação E/O e a forma ligeiramente trapezoidal, correspondendo a parte mais larga à cabeceira, a poente. A tipologia destas sepulturas é medieval, admitindo-se a sua contemporaneidade em relação à igreja românica.

Tal como no interior da capela-mor, também aqui as obras seiscentistas, especialmente as de 1680-82, relacionadas com a edificação da nova sacristia e escadas de acesso ao piso superior, implicaram a demolição dos edifícios anteriores, cujos restos se soterraram sob camadas heterogéneas de terras de entulhos.

#### Descrição da estratigrafia em AS.1 (Fig.3):

Nota: As camadas 1, 1a, 2, 3, 4, 5,6 e 7, foram todas escavadas com o complexo =1595=, atribuído à camada 10. As camadas, 17, 18 e 19, foram escavadas juntamente com a camada 20.

1 – Aterro de cor castanha alaranjada, com pontas de xisto, cascalho finos e algumas pontas de carvão. A esta camada foi-lhe atribuído o complexo quando já estava em fase de escavação (ver plano final, complexo =1598=).

1a – Idêntica à camada 1.

2 – Esta camada resulta de uma mistura, de terra cinzenta escura com pontas de xisto alaranjado.

3 – Terra de cor castanha, com pontas de carvão, cascalhos finos e fragmentos de telha, é argilosa e de média consistência.

4 – Mistura de terra cinzenta escura, com bolsas de terra preta, contém; cascalhos finos e médios, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão.

5 – Terra de cor castanha alaranjada, homogênea e de média consistência.

6 – Terra de cor castanha, com pontas de carvão, argilosa e de média consistência.

7 – Terra idêntica à da camada 10.

8 – Escavada, com o complexo =1589=, do plano 4, (ver desenho). Terra de cor cinzenta, com bastantes fragmentos de telha e alguns cascalhos, é arenosa de textura fina, e a sua consistência é fraca.

9 – Escavada, com o complexo =1596=, do plano 4 a, (ver folha dos complexos). Este complexo, foi atribuído a uma bolsa de terra que apareceu ao meio do complexo =1595= da camada 4 a. Apresenta uma cor esbranquiçada e arenosa.

10 – Escavada, com o complexo =1595=, do plano 4 a, (ver folha dos complexos). Terra de cor cinzenta escura. Contém; cascalhos, pontas de carvão e bastantes fragmentos de telha, é argilosa e de media consistência.

11 – Escavada, com o complexo =1594=, do plano 4, (ver nota no desenho). Terra de cor cinzenta amarelada, com bastantes cascalhos e calhaus

12 – Escavada, com o complexo =1594=, da camada 11, é idêntica, apresenta no entanto zonas mais alaranjadas, com bastantes pontas de xisto.

13 – Escavada, com o complexo =1587=, do plano 4, (ver desenho). Idêntica à da camada 13a. Apresenta no entanto, uma mistura de terra mais argilosa e é mais compacta.

13a – Escavada, com o complexo =1586=, do plano 4, (ver desenho). Terra de cor esbranquiçada, arenosa, (tipo pedra moída), contém; cascalhos e calhaus, a sua consistência é fraca.

14 – Escavada, com os complexos =1585= e =1592=, do plano 4, (ver desenho). Mistura de terra cinzenta, amarelada e algumas lascas de xisto e de argamassa branca, contém; cascalhos, fragmentos de telha e mistura de areão, a sua consistência é média.

15 – Escavada, com os complexos =1579= e =1581=, do plano 3 e 3 a, (ver desenho). Idêntica à camada 14.

15a – Escavada, com os mesmos complexos da camada 15, é idêntica.

15b – Escavada, com o complexo =1584=, do plano 4, (ver desenho). Terra de cor castanha amarelada, com mistura de terra cinzenta escura, contém; cascalhos, calhaus, fragmentos de telha e pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

16 – Escavada, com o complexo =1582=, do plano 3a, (ver desenho). Camada de cor esbranquiçada, (tipo lascas de granito), arenosa e pouco consistente.

17 – Terra acimentada, com mistura de areão.

18 – Idêntica à 20.

19 – Terra de cor alaranjada.

20 – Escavada, com os complexos =1576=, =1577= e =1578=, do plano 3, (ver desenho). Mistura de terra cinzenta escura, com cinzenta amarelada, contém; cascalhos, fragmentos de telha e mistura de areia, a sua consistência é fraca.

Nota: as camadas 21, 21 a, 21 b, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 29 a, 30, 31, 32, 33, 34 e 35, foram todas escavadas, no plano 2.

21 – Esta camada resulta de uma mistura de terra cinzenta acastanhada, com mistura de terra castanha alaranjada, contém cascalhos, fragmentos de telha, contém; ainda mistura de areão, é argilosa e de média consistência.

- 21a – Terra de cor cinzenta, com cascalhos e mistura de areão.
- 21b – Bolsa,. Toda ela preenchida, com lascas de azulejos.
- 22 – Idêntica à 21a.
- 23 – Terra de cor cinzenta esbranquiçada, arenosa e de pouca consistência.
- 24 – Idêntica à 23, no entanto, contém; bastantes fragmentos de telha.
- 25 – Terra de cor cinzenta, homogénea, constituída por areia de textura fina.
- 26 – Idêntica à camada 21.
- 27 – Terra de cor esbranquiçada, idêntica à 23.
- 28 – Terra de cor cinzenta amarelada, com pontas de argamassa branca.
- 29 – Terra de cor castanha acizentada, arenosa e pouco consistente, ( corresponde à vala de fundação ).
- 29a – Idêntica à 29, no entanto é mais acizentada.
- 29b – Castanha alaranjada.
- 29c – Idêntica à 29.
- 30 – Terra de cor branca, (tipo saibro), constituída por areia de textura média, a sua consistência é dura.
- 31 – Bolsa de terra acizentada, misturada, com pontas de argamassa branca.
- 32 – Terra de cor esbranquiçada, constituída, por areia de textura média e fina, (tipo saibro).
- 33 – Terra de cor cinzenta amarelada, com pontas de argamassa branca.
- 34 – Terra de cor cinzenta acastanhada, com cascalhos, calhaus e fragmentos de telha, é arenosa e de média consistência.

35 – Escavada, com o complexo =1571=, do plano 2, (ver folha dos complexos). Complexo que foi atribuído, à camada que apareceu por baixo das lajes, de cor branca acizentada, arenosa e pouco consistente.

36 – Nota: (por lapso, este numero, só foi atribuído no final). Esta camada corresponde à vala de fundação do alicerce, foi escavada, com os mesmos complexos das camadas 10 e 11, resulta por esse motivo, de uma mistura das mesmas.

Relativamente ao espólio, registe-se a recolha de elementos de decoração arquitectónica de tipologia românica e de escasso número de fragmentos de cerâmica, predominantemente de fabricos regionais modernos.

#### ***Portaria (PORT.1 a 6)***

Escavaram-se aqui seis valas, com o objectivo de esclarecer o achado de paredes colocadas parcialmente a descoberto aquando do desaterro para construção de um túnel sob o salão da ouvidoria e da portaria seiscentistas.

Trata-se portanto, de paredes anteriores ao século XVII, que se interpretam como correspondentes a parte da portaria quinhentista, que rematava a Noroeste os edifícios cuja construção se pode inscrever no conjunto de obras empreendidas pelo abade comendatário frei António de Sá, no segundo quartel do século XVI (Tomás 1974, 391).

As paredes colocadas a descoberto (Fig.5), com uma espessura variável entre 0,80 e 1,00 metros, são todas em sólida alvenaria granítica formada por blocos poligonais de tamanhos variáveis, cascalho e argamassa amarelada de saibro e cal, com juntas largas. Assentam em alicerce de aparelho ciclópico, ligeiramente mais largo que a parede, solidamente fundado na rocha xistenta de base, que incorpora elementos construtivos reaproveitados de construções anteriores, nomeadamente alguns silhares medievais com siglas de canteiro e fragmentos de guarnições de vãos.

As valas de fundação destas paredes recortam e/ou sobrepõem sedimentos e estruturas subjacentes, designadamente uma vala recortada na rocha base, com cerca de 0,40 metros de profundidade e orientação E-O, associáveis à ocupação medieval do mosteiro.

As paredes descritas prolongam alinhamentos de ruínas identificadas no claustro do cemitério, no jardim do abade e no rés-do-chão do coristado, destacando-se a grande parede correspondente à fachada quinhentista, que se identifica desde a fachada da igreja medieval e que aqui conserva quase toda a porta dos carros, ainda com soleira e parte da ombreira nascente, vendo-se nesta o polimento provocado pela passagem dos animais.

No paramento exterior conservam-se ainda restos do reboco exterior do que seria a fachada do mosteiro, em argamassa de saibro e cal, com pintura a ocre amarelado, bem como vestígios do embasamento de um pequeno tanque ou fonte exterior, que ladeava a porta. Cerca de 5 metros para nascente identificou-se ainda o arranque do muro de suporte de terras que limitaria o adro da igreja.

Com a reedificação do século XVII, nesta parte do edifício iniciada já no último quartel (1683-85), todos estes restos construtivos ficaram soterrados sob terras de entulho, pois este espaço, que anteriormente correspondia a uma zona de comunicação com o exterior, passou a ficar no interior do novo edifício, elevando-se então a cota de circulação mais de 2,5 metros, até à cota do jardim do abade (ou jardim do jericó da portaria).

As paredes seiscentistas, com 0,80 metros de espessura, são de alvenaria mista de granito e xisto, com predominância de blocos de grandes dimensões do primeiro material, miolo preenchido com cascalho e argamassa esbranquiçada de saibro e cal e juntas largas, com paramentos rebocados acima dos pavimentos. Conservando a mesma espessura da parede, os alicerces vão fundar-se na rocha base, através de vala de fundação que rompe os sedimentos e estruturas subjacentes, apresentando muros de reforço transversais (N-S) ligados à parede quinhentista, de alvenaria mais grosseira. Nestes alicerces está patente a engenhosa solução técnica utilizada pelos construtores de Seiscentos para resolver a questão da drenagem das águas de infiltração – vãos definidos por arcos em quarto de círculo, com um raio aproximado de 2,5 metros.

Na parede Sul deste espaço (Fig.6), para além das soluções técnico-construtivas acima descritas, evidenciam-se alterações na organização funcional do bloco que liga o salão da ouvidoria ao coristado, designadamente aquelas que correspondem à profunda reformulação do seu interior, que em 1780-82 passou a incorporar uma cavaliariça abobadada no piso térreo e celas para hóspedes no primeiro piso, mantendo-se os aposentos para o abade no piso superior.

Tal como na capela-mor e átrio da sacristia, o espólio aqui recolhido é exclusivamente cerâmico (de construção e doméstico). Embora muito fragmentado, distinguem-se genericamente fabricos regionais medievais e modernos, semelhantes aos já caracterizados nos anteriores relatórios.

No corte CD (Fig.7) regista-se a estratigrafia associada ao conjunto das estruturas acima descritas, remetendo a numeração das camadas aí identificadas para a descrição que se segue:

Descrição da estratigrafia em PORT.2 (Fig.7):

1 – Esta camada foi escavada, juntamente, com o complexo =1411=, da camada 3b, apresenta no entanto, uma cor castanha escura, com cascalhos e calhaus.

1a – Idêntica à camada 1, corresponde no entanto à vala de fundação.

2 – Escavada, com o complexo =1433=, (ver desenho do plano 2d). Terra de cor castanha escura, contém; cascalhos, calhaus, fragmentos de telha e pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

Nota: as camadas 3a, 3b, 3 c, 3d, 3 e, e 3f, foram todas escavadas, com o complexo =1411=, (ver desenho do plano 2c). Terra de cor amarela alaranjada, contém; fragmentos de telha e tijolo.

3a – Idêntica à descrição do complexo =1411=, no entanto, apresenta mais cascalhos, médios e finos.

3b – Idêntica à descrição do complexo =1411=, apresenta no entanto, cascalhos e calhaus.

3c – Idêntica à do complexo =1411=, é no entanto, mais acastanhada.

3d – Escavada, com o complexo =1411=, é no entanto, uma pequena lenticula de argila de cor branca acizentada.

3e – Escavada, com o complexo =1411, apresenta no entanto, uma mistura desse mesmo complexo, com terra castanha.

3f – Escavada, com o complexo =1411=.

4 – Escavada, com o complexo =1410=, (ver desenho do plano 2c). Camada de cor castanha clara, constituída por, areia de textura muito fina, contém; cascalhos, e a sua consistência é média.

5 – Escavada, com o complexo =1368=, (ver desenho do plano 2). Idêntica à do complexo =1411=.

6 – Escavada, com o complexo =1355= da camada 11, apresenta no entanto, uma cor castanha.

7 – Escavada, com o complexo =1379=, da camada 8, é no entanto mais acizentada.

8 – Escavada, com o complexo =1379=, (ver nota no desenho do plano 2). Esta camada, resulta de uma mistura de terra castanha, com terra cinzenta escura.

8a – Idêntica à camada 8.

9 – Escavada, com o complexo =1370=, (ver nota no desenho do plano 2). Terra de cor castanha clara, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

10 – Escavada, com o complexo =1379=, que também foi atribuído à camada 8. São idênticas

10a – Idêntica à camada 10.

11 – Escavada, com o complexo =1355=, (ver perfil de embasamento de escada). Terra de cor cinzenta escura, com pontas de xisto, contém; cascalhos e pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

12 – Escavada, com o complexo =1347=, (ver desenho do plano 1). Terra de cor castanha clara, misturada com alaranjada e algumas pontas de argamassa esbranquiçada, é argilosa e de média consistência.

12a – Escavada, com o complexo =1347=, da camada 12, é no entanto de cor esbranquiçada e pouco consistente.

13 – Escavada, com o complexo =1354=, da camada 14, apresenta no entanto, uma cor amarelada.

14 – Escavada, com o complexo =1354=, (ver perfil de embasamento de escada).

Nota: as camadas, 15, 16 e 17, foram todas escavadas, com o complexo =1353=, (ver perfil de embasamento de escada).

15 – Cor castanha amarelada.

16 – Idêntica à 15.

17 – Argila branca acizentada.

18 – Escavada, com o complexo =1352=, (ver perfil de emb. de escada). Terra de cor castanha alaranjada, contém; cascalhos, fragmentos de telha e tijolo, é argilosa e de média consistência.

19 – Escavada, com o complexo =1351=, (ver perfil de emb. de escada). Terra de cor castanha escura, contém; cascalhos, fragmentos de tijolo e bastantes pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

20 – Escavada, com o complexo =1350=, (ver perfil de emb. de escada). Terra de cor alaranjada, contém; cascalhos, calhaus, fragmentos de telha e de tijolo, é argilosa e de média consistência.

21 – Camada que fica entre as pedras, que foi retirada, com o complexo =1342=, respeitante à limpeza, (ver folha dos complexos).

Descrição da estratigrafia em PORT.5 (Fig.7):

1 – Escavada, com o complexo =1422=, (ver desenho do plano 5). Terra de cor castanha, muito escura, contém; cascalhos, calhaus, fragmentos de telha e de tijolo, é argilosa e de média consistência.

1a – Escavada, com o mesmo complexo da camada 1, é no entanto mais preta.

1b – Escavada, com o mesmo complexo da camada 1, resulta no entanto, de uma mistura da mesma, com a camada 6.

2 – Escavada, com o complexo =1224=, (ver desenho do plano 5). Idêntica à camada 1, é no entanto mais clara.

3 – Escavada, com o complexo =1425=, ( ver desenho do plano 5 ). Terra de cor castanha escura, contém; cascalhos finos, fragmentos de telha, cascalhos médios, pontas de carvão e areia de textura grossa, é argilosa e de consistência média.

3a – Idêntica à 3.

4 – Esta camada, foi escavada juntamente, com a camada 6, é idêntica, apresenta no entanto, uma cor acizentada.

5 – Escavada, com os complexos =1418= e =1419=, (ver desenho do plano 4). Terra de cor castanha escura, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é argilosa e de média consistência.

6 – Escavada, com o complexo =1416=, (ver desenho do plano 4). Terra constituída por xisto remexido de cor alaranjado, com mistura de terra castanha, contém; cascalhos finos e médios e fragmentos de telha, a sua consistência é média.

7 – Escavada, com o complexo =1414=, (ver desenho do plano 4). Terra de cor cinzenta clara, homogénea (tipo argila), contém; cascalhos e fragmentos de telha, é compacta.

8 – Escavada, com os complexos =1395= e =1415=, (ver desenho do plano 3 e 4). Terra de cor cinzenta clara, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é de consistência média e bastante argilosa.

9 – Escavada, com o complexo =1397=, (ver desenho do plano 3). Idêntica à da camada 10.

10 – Escavada, com o complexo =1394=, (ver desenho do plano 3). Mistura de terra de cor cinzenta escura com acastanhada, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é de consistência média.

11 – Escavada, com o complexo =1392=, (ver desenho do plano 3). Terra de cor castanha com algumas pontas de xisto alaranjado, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é argilosa e bastante compacta .

12 – Escavada, com o complexo =1393=, (ver desenho do plano 3). Terra de cor alaranjada, contém; cascalhos finos e fragmentos de telha, é argilosa e bastante compacta.

13 – Escavada, com o complexo =1391= , (ver desenho do plano 3). Terra de cor cinzenta, arenosa, de textura fina.

14 – Escavada, com os complexos =1362=,=1363= e =1365=, (ver desenho do plano 2).Terra de cor castanha amarelada, com pontas de argamassa esbranquiçada e alaranjada, contém; cascalhos, fragmentos de telha e algumas pontas de carvão, é argilosa e a sua consistência é dura.

15 – Escavada, com os complexos =1360= e =1361=, (ver desenho do plano 2). Idêntica à 14.

16 – Escavada, com o mesmo complexo da 17, é no entanto uma terra de cor castanha amarelada.

17 – Escavada, com o complexo =1345=, ( ver nota no desenho do plano 1 ). Terra de cor alaranjada com pontas de argamassa esbranquiçada, contém; bastantes fragmentos de telha e tijolo, é argilosa e de média consistência.

18 – Escavada, com o complexo =1340=, da camada 20, é idêntica, mas muito compacta.

19 – Escavada, com o complexo =1340=, da camada 20, é idêntica, mas contém, bastantes pedaços de argamassa branca.

20 – Escavada com o complexo =1340=, (ver desenho do plano 1). Terra de cor castanha clara, com mistura de pontas de argamassa esbranquiçada, contém; cascalhos, calhaus, fragmentos de telha, de tijolo e algumas pontas de carvão dispersas. É argilosa e de média consistência.

21 – Escavada, juntamente com a camada 24, apresenta no entanto, uma cor acinzentada. Corresponde à vala de fundação.

22 – Escavada, com o complexo =1396=, (ver desenho do plano 3). Terra de cor branca acinzentada (tipo argamassa remexida), contém; cascalhos e algumas pontas de carvão dispersas. É arenosa e pouco consistente. Corresponde à vala de fundação.

23 – Escavada juntamente, com a camada 24, é idêntica. Corresponde à vala de fundação

24 – Escavada juntamente, com a camada 14, é idêntica. Corresponde à vala de fundação.

25 – Escavada, com o complexo =1346=, (ver desenho do plano 2, e nota no desenho do plano 1). Camada constituída por, argamassa remexida, esbranquiçada, arenosa e pouco consistente. Corresponde à vala de fundação.

26 – Escavada, com o complexo =1366=, (ver desenho do plano 2). Idem, camada 25, representa no entanto a parte superficial, e é bastante compacta. Corresponde à vala de fundação.

27 – Escavada, com o complexo =1367=, (ver desenho do plano 2). Idem, camada 17. Tem no entanto mais pedaços de argamassa.

28 – Escavada, com o complexo =1364=, (ver desenho do plano 2). Constituída por, argamassa de cor branca acinzentada, com areia de textura média e compacta.

29 – Escavada, com o mesmo complexo da 17, apresenta no entanto, uma cor castanha escura e é homogénea.

30 – Escavada, com o mesmo complexo da 17, no entanto resulta de uma mistura de pedaços de terra vermelha, com terra castanha.

31 – Escavada, com o complexo =1340=, da camada 20, apresenta no entanto, alguma mistura de terra vermelha.

32 – Escavada juntamente, com a camada 20, é por esse motivo idêntica.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 50, 2015

### 3 - Considerações Finais

Os resultados obtidos confirmaram amplamente as expectativas iniciais, revelando-se particularmente importantes na zona do átrio da sacristia, pois os restos da igreja medieval aí encontrados permitem restituir a planimetria da totalidade do templo, que se verificou ser semelhante à planta da igreja do mosteiro beneditino de São Fins de Friestas, em Valença. Admite-se, assim, que a igreja do mosteiro de Tibães teria a mesma configuração, confirmando a difusão de modelos arquitectónicos padronizados, que se manifestam também numa outra igreja de um mosteiro beneditino da região bracarense – Fonte Arcada, Póvoa de Lanhoso.

Releva também a identificação dos restos quinhentistas da capela de Nossa Senhora do Rosário e da “porta dos carros”, confirmando as referências das fontes documentais a obras de renovação arquitectónica no decurso do século XVI.

Efectivamente, estamos perante vestígios de edificações associáveis à fase “reformista” de Tibães, correspondente ao período de transição do mosteiro medieval ao moderno, iniciado com as grandes obras de renovação empreendidas pelo abade comendatário D. António de Sá (1535-1550) e prosseguido com as obras complementares dos primeiros abades-gerais, como frei Pedro de Chaves (1569-1581) e frei Baltazar de Braga (três vezes abade-geral, a primeira em 1587-1590), sendo Tibães já casa-mãe da ordem beneditina em Portugal.

Do ponto de vista técnico-construtivo constata-se, porém, alguma perda de qualidade, patente nas paredes de alvenaria de blocos poligonais simplesmente faceados, incluindo o reaproveitamento de elementos medievais nos alicerces.

Pela sua monumentalidade e implantação, consideramos que os vestígios da “porta dos carros” quinhentista devem ser conservados *in situ* e objecto de conservação e valorização, no sentido da sua integração no circuito de visita ao mosteiro.

Finalmente, importa sublinhar que a metodologia específica da arqueologia, assente na escavação com registo sistemático e rigoroso de todas as estratigrafias, estruturas e espólios, deu já origem a um vasto acervo documental, composto por milhares de desenhos, de fotografias e de fragmentos de cerâmica, os quais constituem um importante património científico, capaz de sustentar inúmeros estudos futuros.

*Braga / Tibães, Janeiro de 1999.*

Luis Fernando de Oliveira Fontes  
(Arqueólogo - UAUM)

**Ilustrações**  
**( fotografias)**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 50, 2019



foto 1: Pavimento lajeado da capela-mor. Plano 1 da quadrícula IGR3.



foto 2: Plano final da quadrícula IGR3.

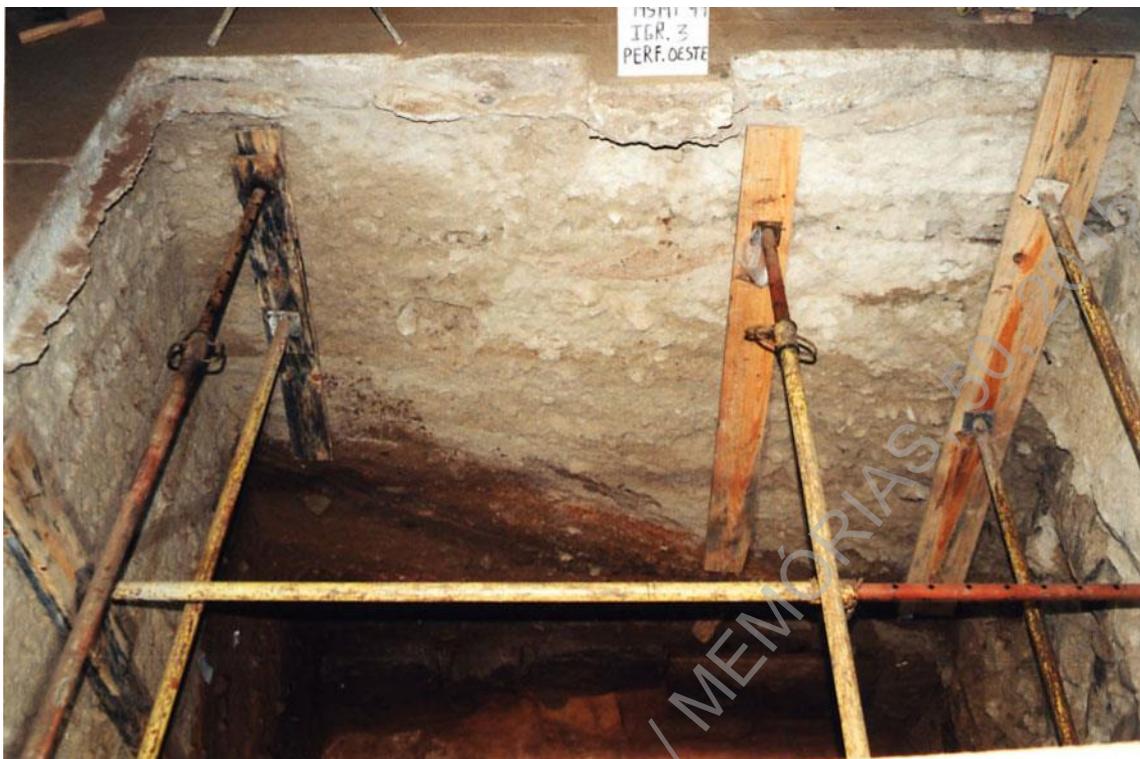


foto 3: Perfil Oeste da quadrícula IGR3.



foto 4: Pavimento lajeado da capela-mor. Plano 1 da quadrícula IGR6.



foto 5: Plano 3 da quadrícula IGR3.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 50, 2015



foto 6: Plano final da quadrícula IGR6.



foto 7: Perfil Este da quadrícula IGR6.



foto 8: Pavimento lajeado do átrio da sacristia. Plano 1 da quadrícula AS.1.



foto 9: Plano 4 da quadrícula AS.1.



foto 10: Achado de capitel românico. Quadrícula AS.1.

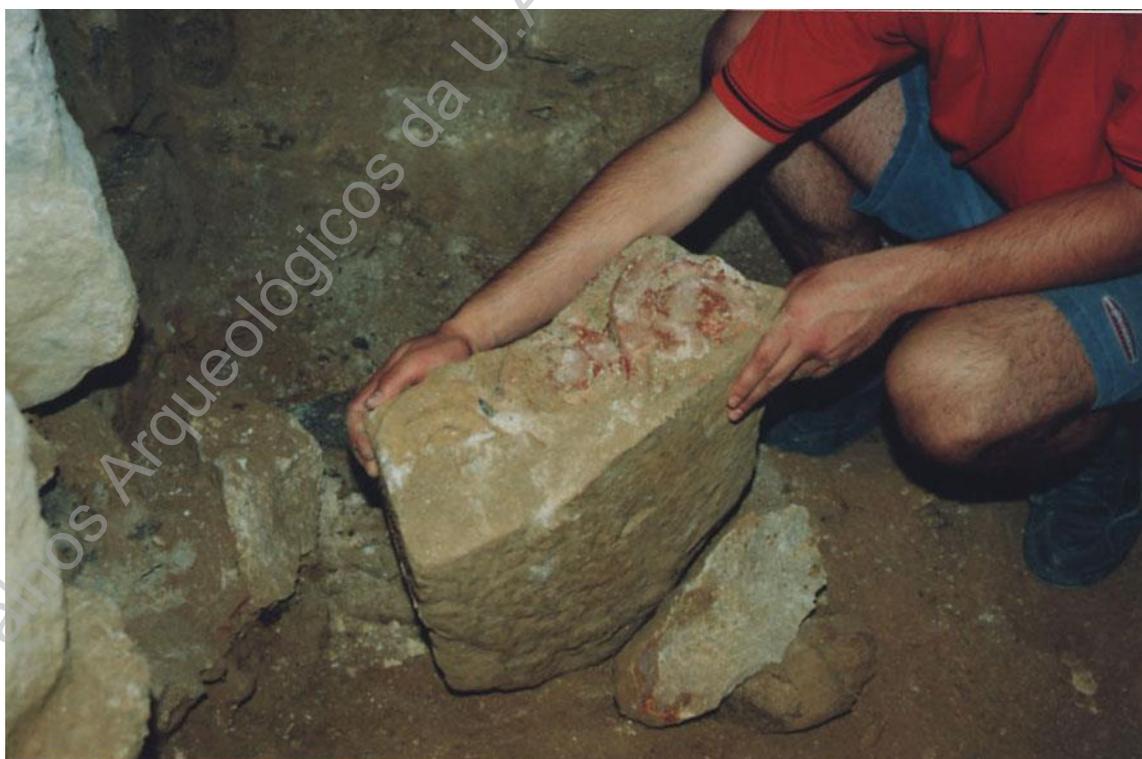


foto 11: Achado de aduela românica. Quadrícula AS.1.



foto 12: Achado de base românica. Quadrícula AS.1.



foto 13: Pormenor de tampa sepulcral epigrafada, reutilizada no cunhal seiscentista da igreja. Quadrícula AS.1.



foto 14: Quadrícula AS.1. Perspectiva geral do plano final.



foto 15: Quadrícula AS.1. Plano final: pormenor da parede românica, vista de Este.



foto 16: Quadrícula AS.1. Plano final: pormenor do alçado da parede românica.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 50, 2015



foto 17: Quadrícula AS.1. Plano final: pormenor da parede românica, vista de Oeste.



foto 18: Quadrícula AS.1. Vista parcial do perfil Este.



foto 19: Zona da portaria. Perspectiva geral do início dos trabalhos.



foto 20: Zona da portaria. Perspectiva parcial durante os trabalhos.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. MEMÓRIAS, 50, 2015



foto 21: Quadrícula PORT.1. Plano final.



foto 22: Quadrícula PORT.2. Plano final.



foto 23: Quadrícula PORT.2. Perfil Norte.



foto 24: Quadrícula PORT.2. Perfil Sul.



foto 25: Quadrícula PORT.3. Vista geral do plano final.



foto 26: Quadrícula PORT.3. Plano final da metade ponte.



foto 27: Quadrícula PORT.3. Pormenor da sobreposição de alicerces, evidenciando reutilização de silharia.



foto 28: Quadrícula PORT.4. Perfil Este.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS 2007



foto 29: Quadrícula PORT.5. Fase de escavação: plano 5.



foto 30: Quadrícula PORT.5. Plano final.



foto 31: Quadrícula PORT.5. Perfil Este.



foto 32: Quadrícula PORT.5. Perfil Oeste.



foto 33: Quadrícula PORT.6. Plano 2 (final).



foto 34: Claustro do Cemitério. Pormenor do alçado interior Este, evidenciando diversas fases construtivas.



foto 35: Claustro do Cemitério. Pormenor do alçado interior Norte, evidenciando diversas fases construtivas.

## **Ilustrações**

**( desenhos)**

### Legendas

Fig.1a – Planta geral do mosteiro de Tibães com localização das áreas intervencionadas: 1 – Capela-mor da Igreja; 2 – Átrio da Sacristia; 3 – Portaria.

Fig.1b – Planta parcial do mosteiro de Tibães com localização e identificação das quadrículas escavadas.

Fig.2 – Planta das ruínas identificadas na capela-mor da igreja de Tibães (IGR.3 e IGR.6).

Fig.3 – Leitura estratigráfica do corte AB (IGR.3, IGR.6 e AS.1).

Fig.4 – Planta das ruínas identificadas no átrio da sacristia da igreja de Tibães (AS.1).

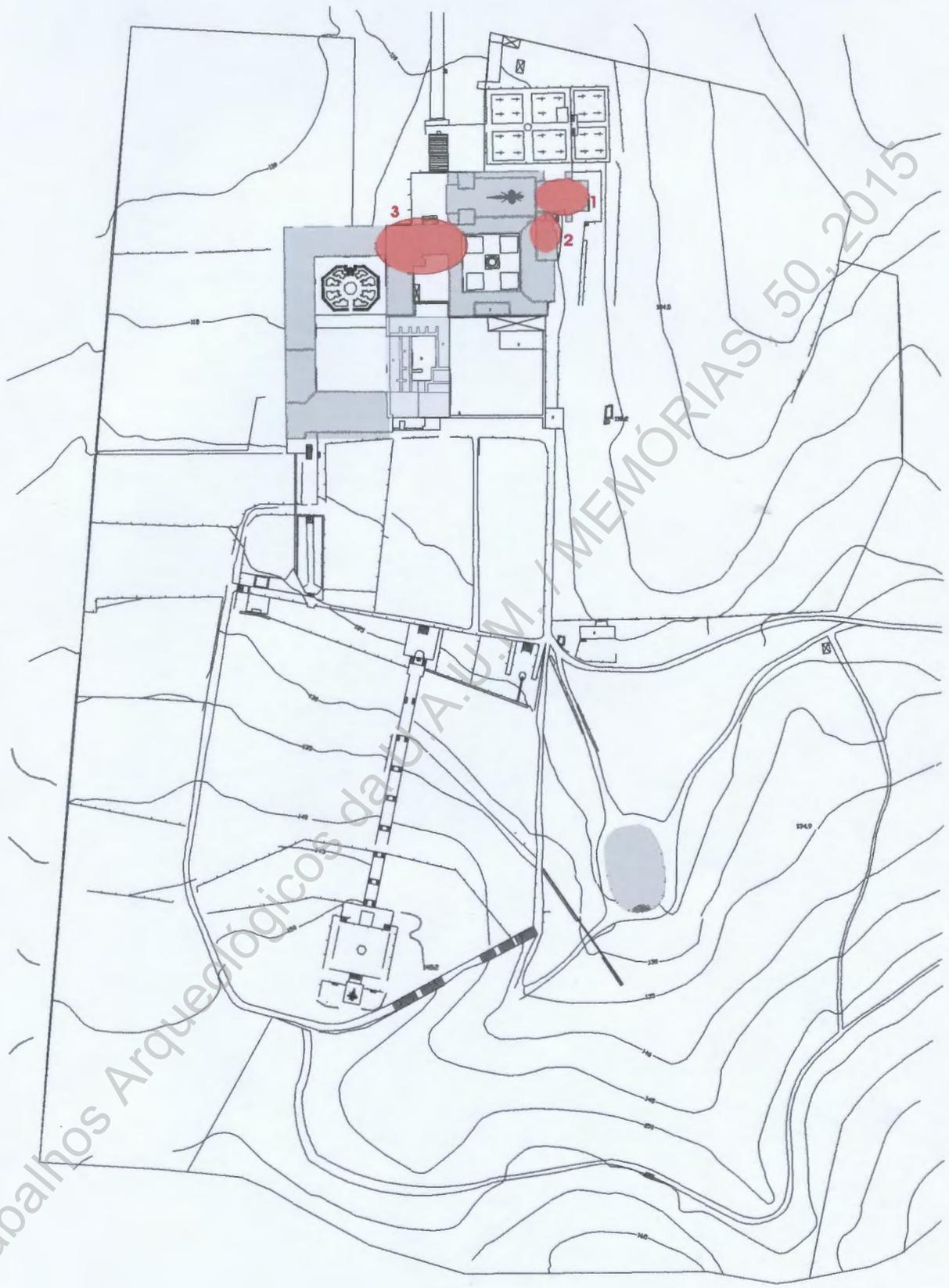
Fig. 5 – Planta das ruínas identificadas na zona da portaria do mosteiro de Tibães (PORT.1 a 6).

Fig. 6 – Alçado sul da zona da portaria do mosteiro de Tibães (PORT.1, 2 e 3).

Fig. 7 – Leitura estratigráfica do corte CD (PORT.4 e PORT.2).

Fig. 8 – Planta dos vestígios identificados no átrio do “portão dos carros”.

Fig. 9 – Reprodução do decalque de letreiro alusivo à construção da igreja seiscentista de Tibães, pintado num pilar lateral da nave.

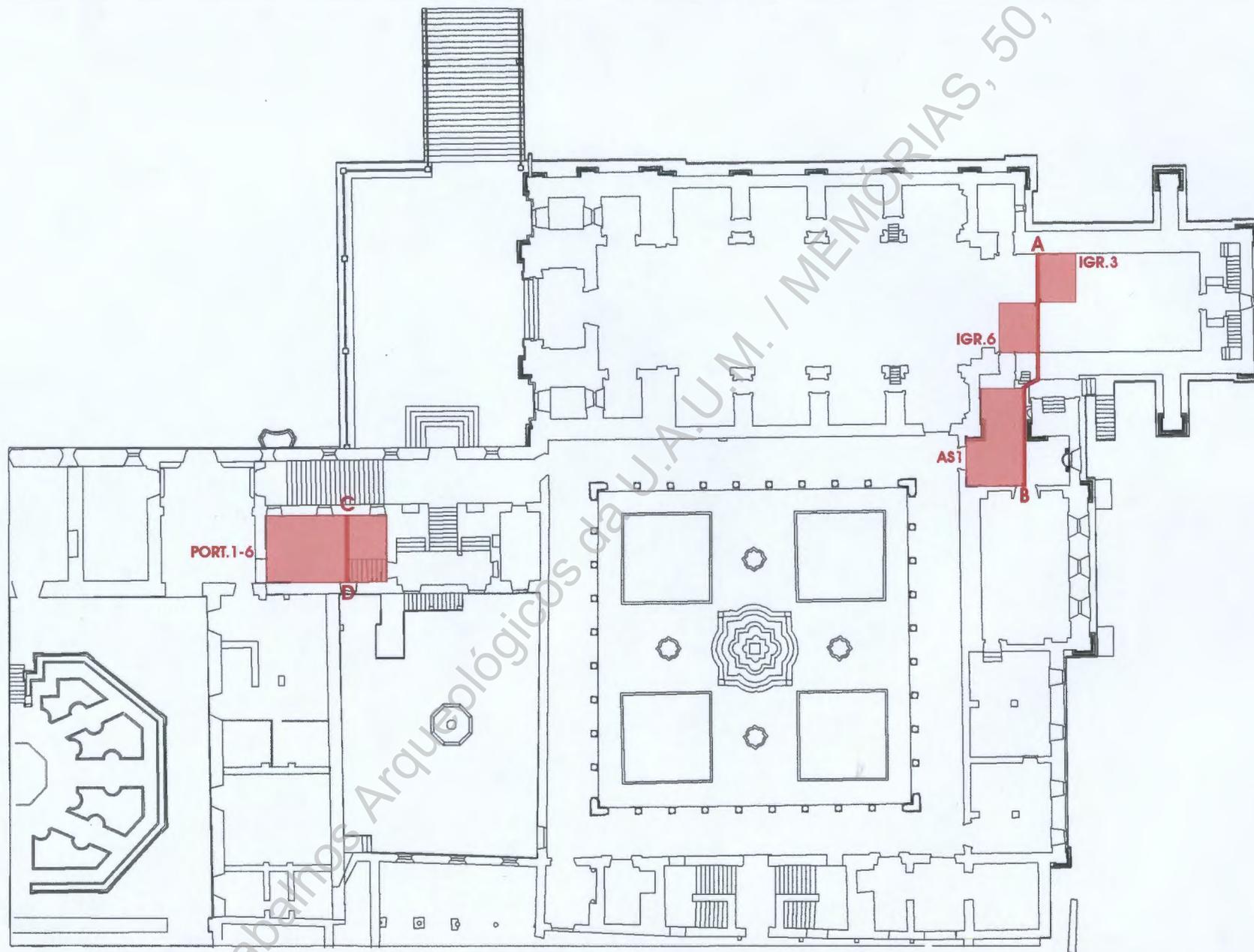


Trabalhos Arqueológicos da UAUM / MEMÓRIAS 50, 2015



Mosteiro de Tibães  
Planta com localização das  
zonas de intervenção

UAUM  
1999  
Fig. 1a



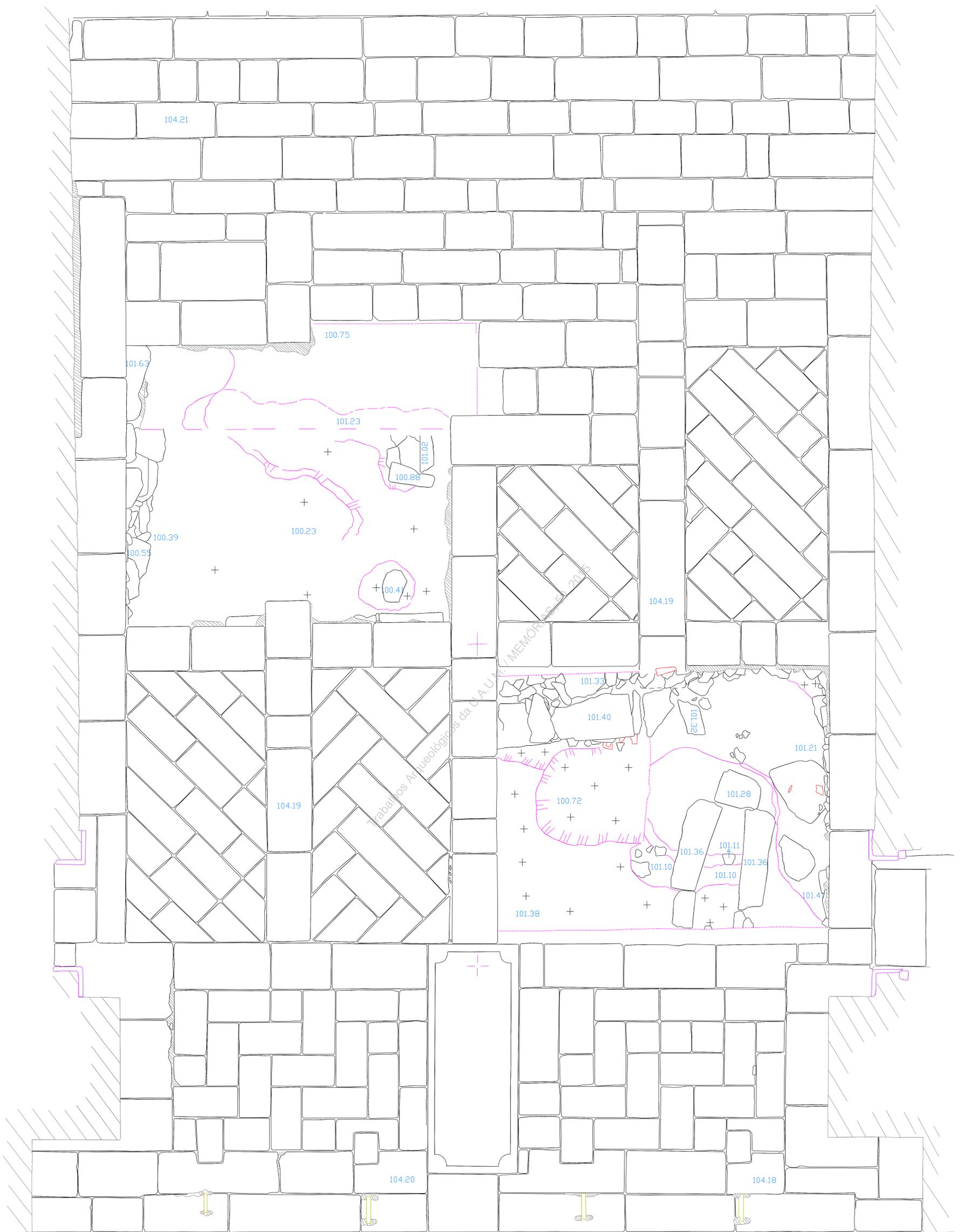
Panta com localização e identificação das áreas escavadas

Mosteiro de Tibães

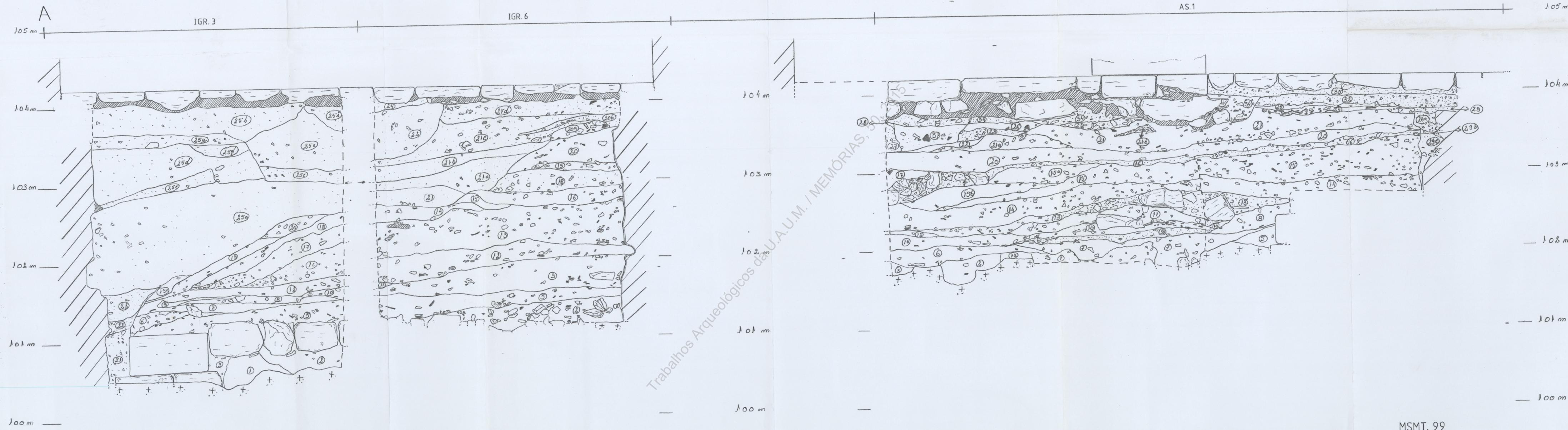
UAUM

1999

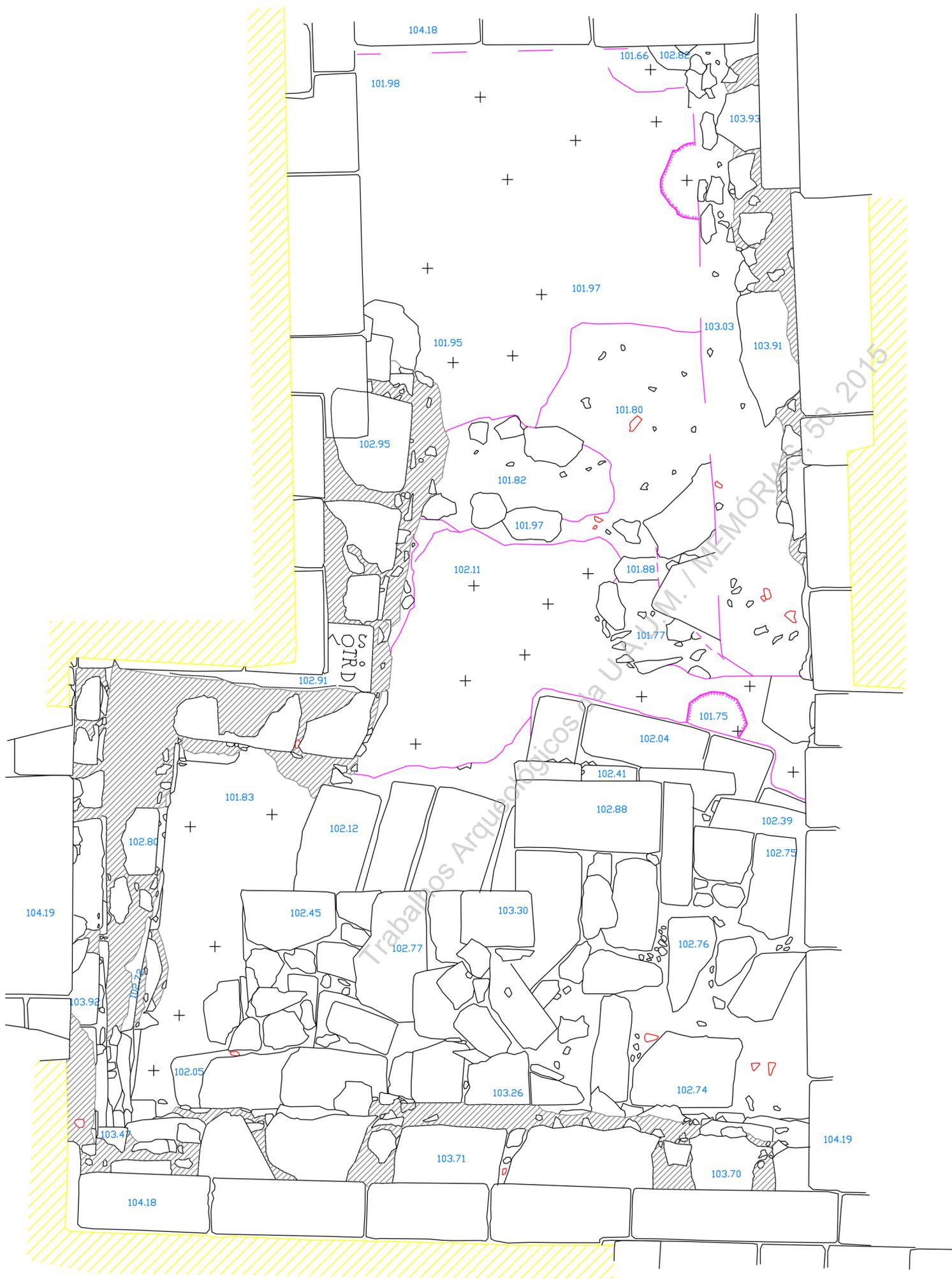
Fig. 1b



MSMT.99  
IGREJA  
CAPELA-MOR  
1:20

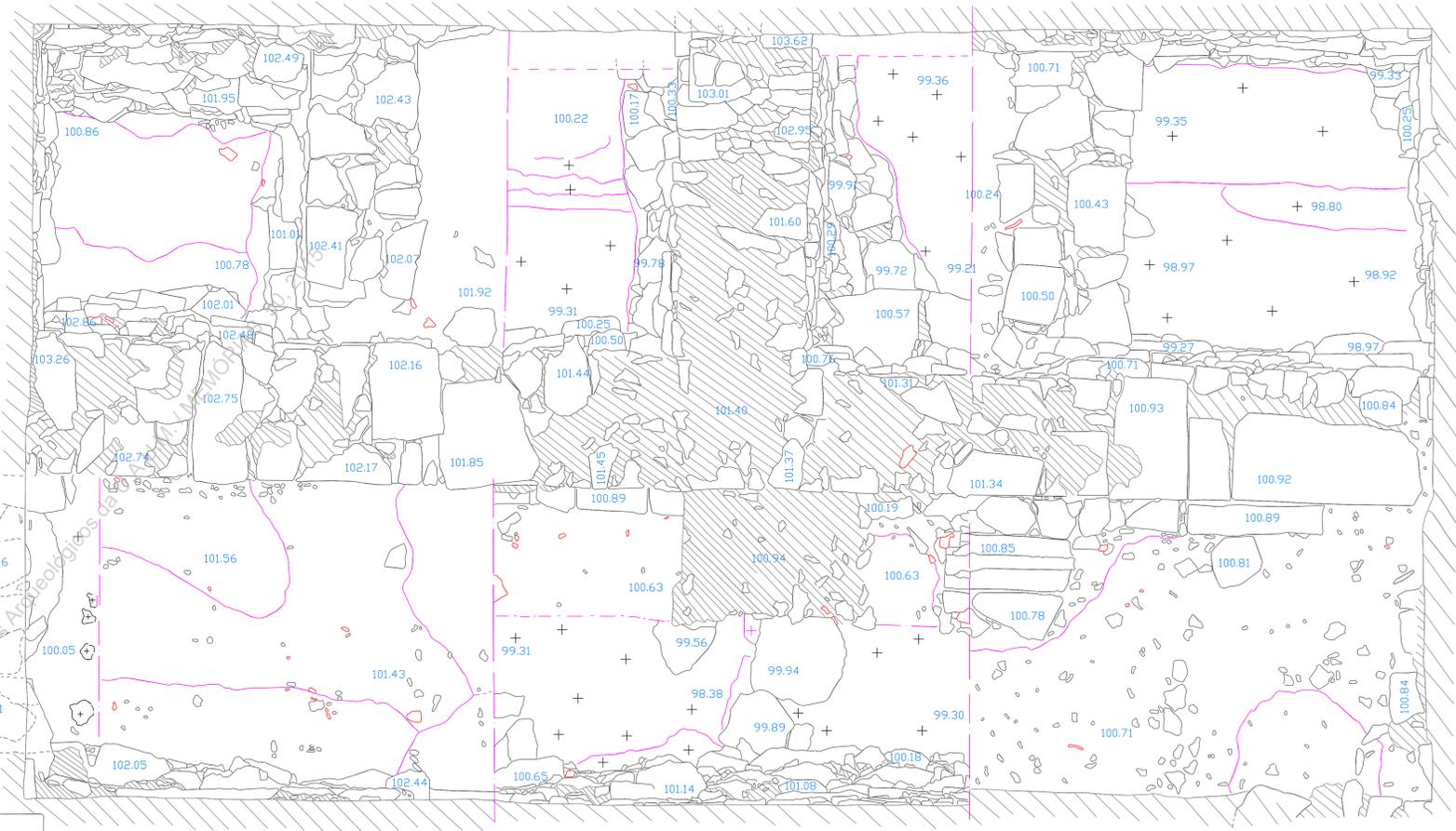
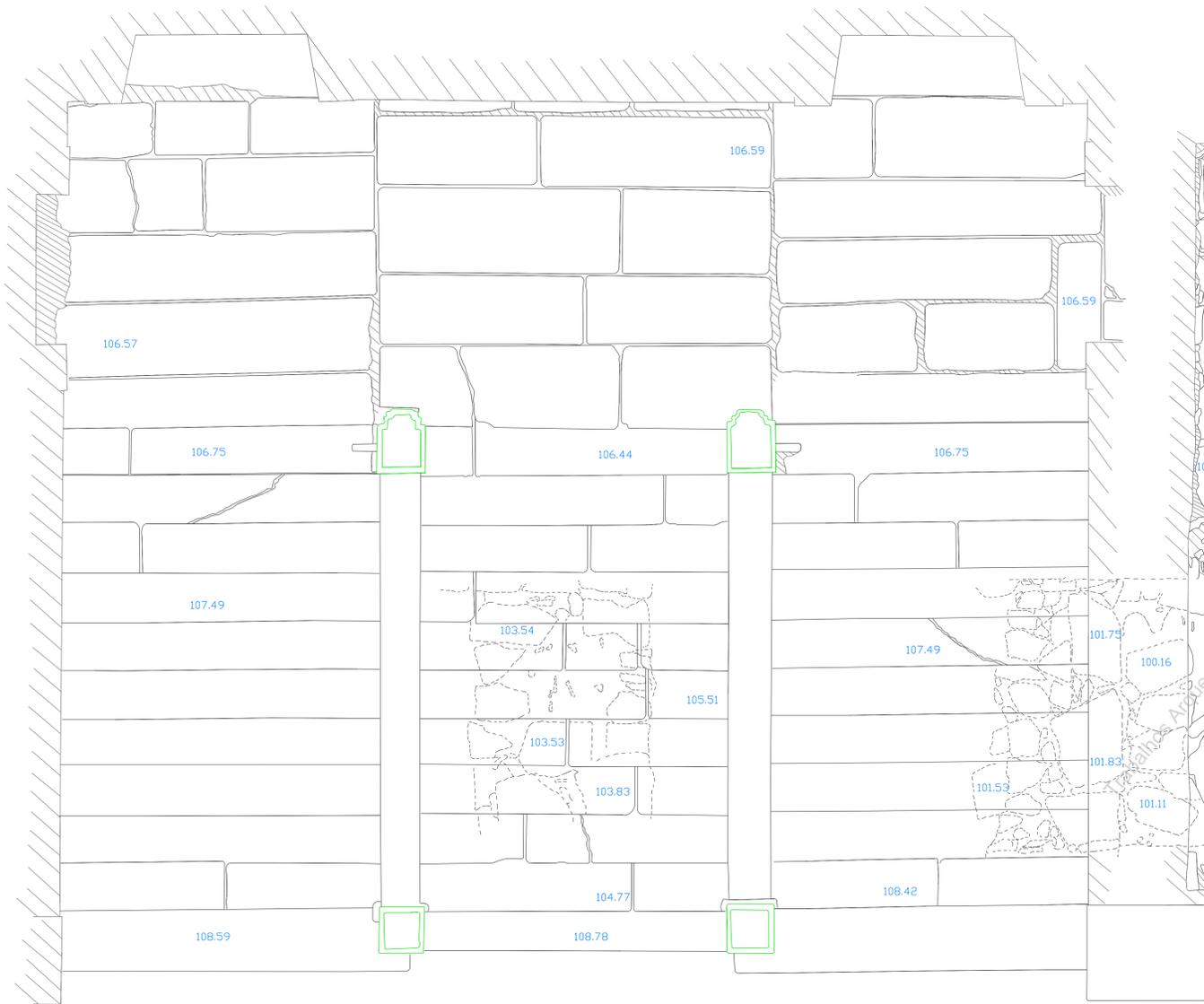


MSMT. 99  
CORTE  $\overline{AB}$   
1:20



MSMT.99  
AS.1





MSMT.99  
PORTARIA  
1/20



108 m

108 m

106 m

106 m

104 m

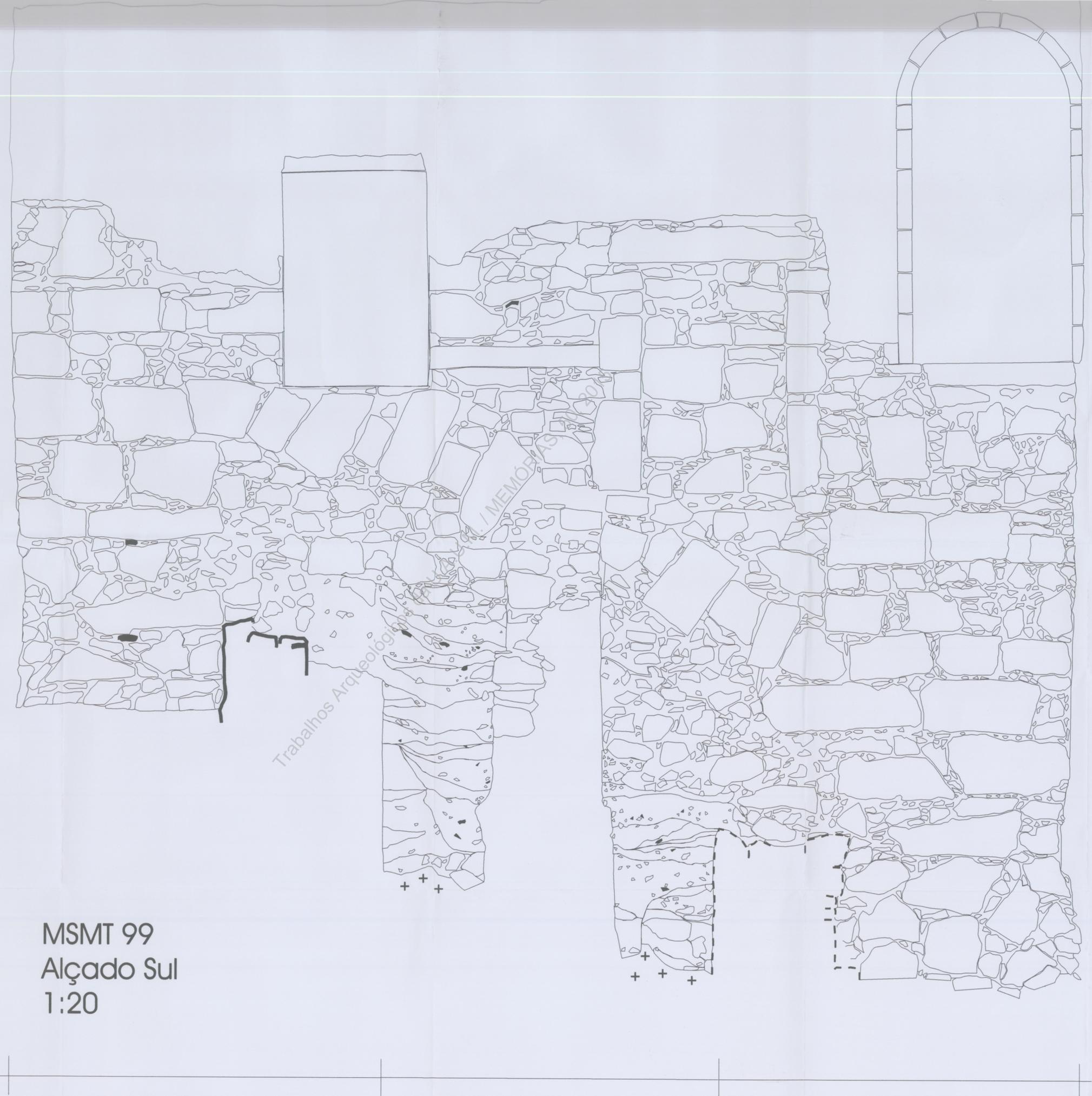
104 m

102 m

102 m

100 m

100 m



MSMT 99  
 Alçado Sul  
 1:20

Port. 1

Port. 2

Port. 3

C

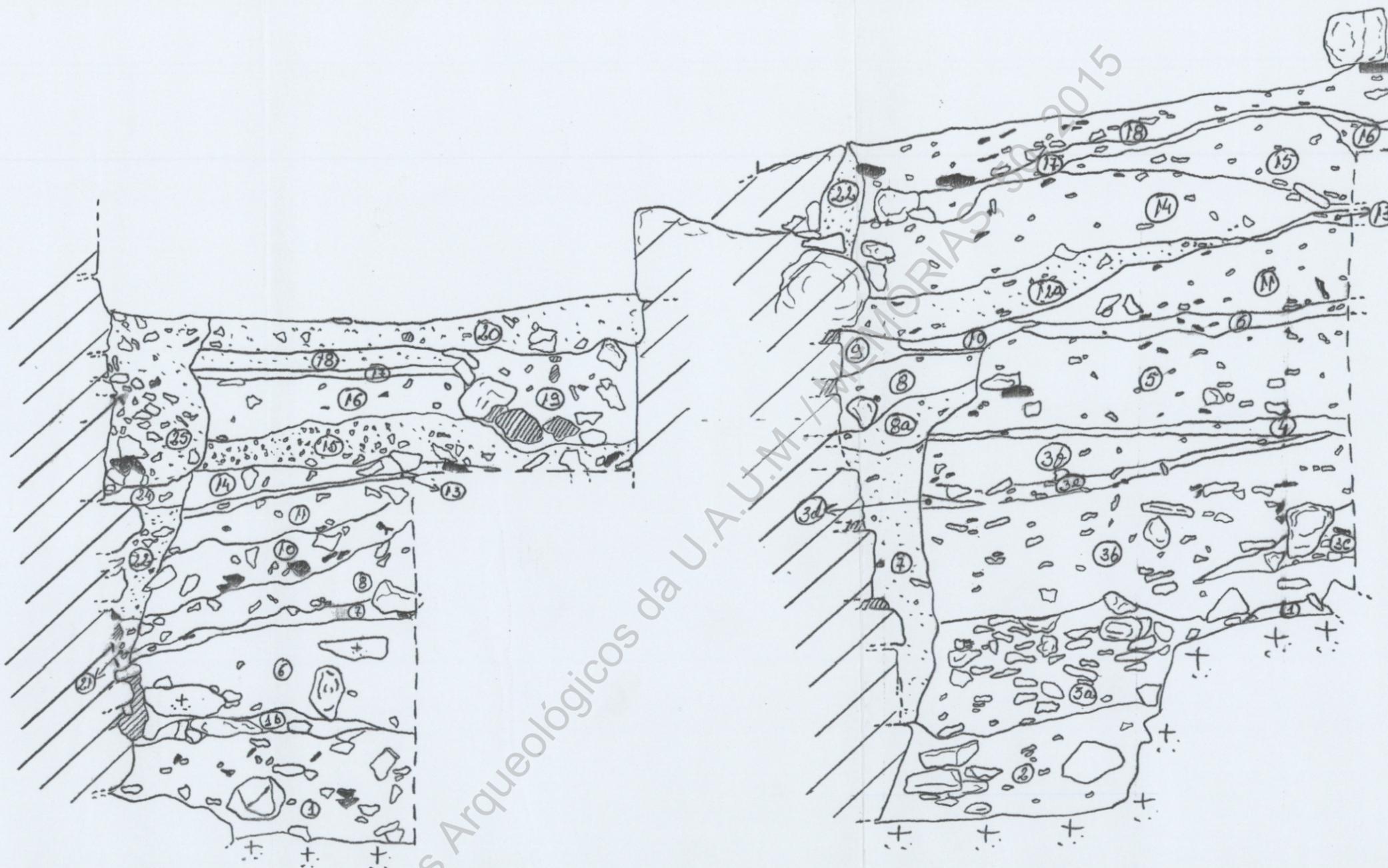
D

103 m

PORT. 4

PORT. 2

103 m



102 m

102 m

101 m

101 m

100 m

100 m

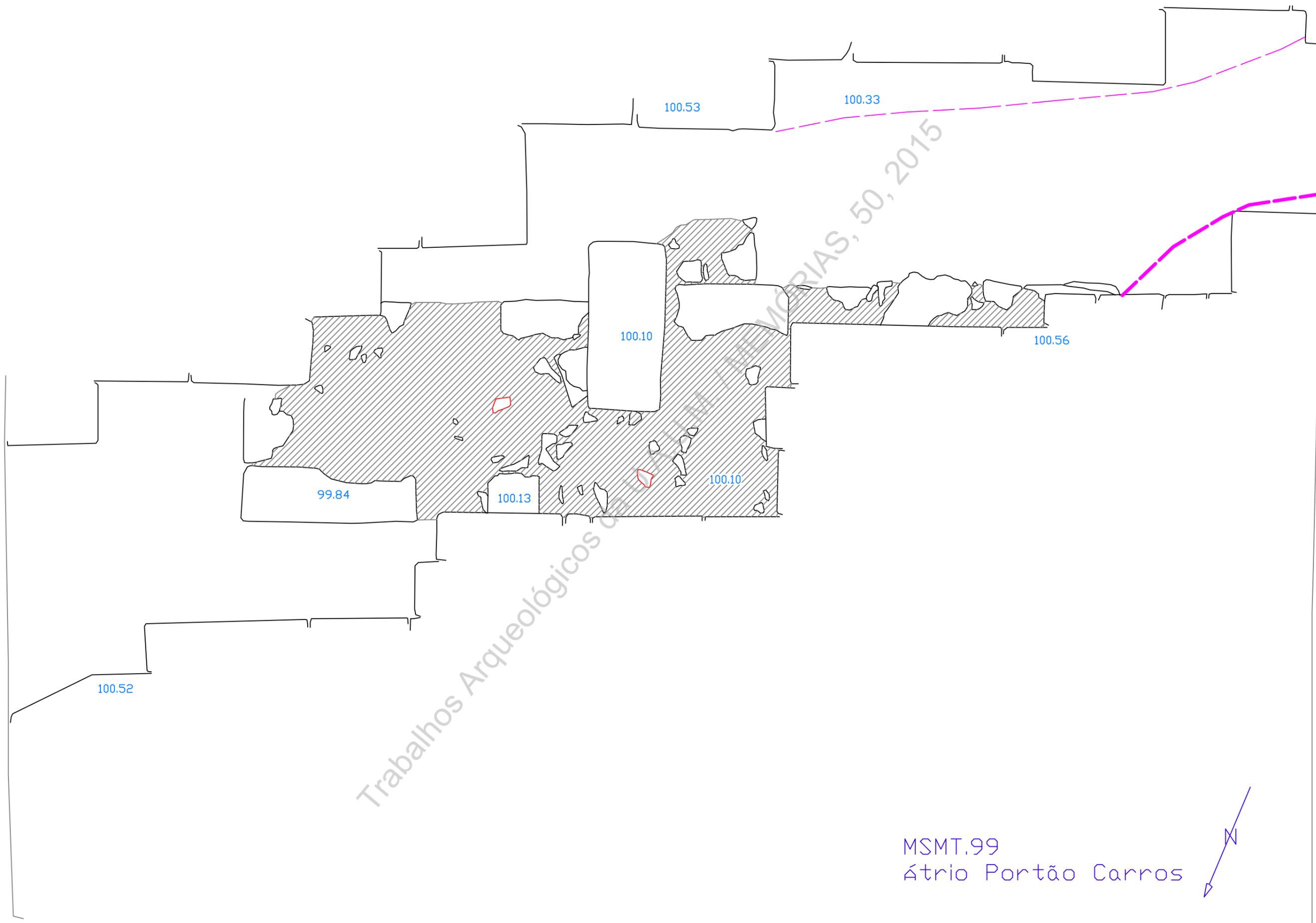
99 m

99 m

MSMT. 99

CORTE  $\overline{CD}$

1:20



Trabalhos Arqueológicos da UFPA - MEMÓRIAS, 50, 2015

MSMT.99  
Átrio Portão Carros



PRINCIPIOSSE ESTE TEM

PLO. NO ANNO DE 1628.

A CABOSSSE NO ANNO DE

1661.

Trabalhos Arqueológicos da U.A.M. / MEMÓRIAS, 50, 2015

**Relatório em CD-ROM**

Trabalhos Arqueológicos da U.A.U.M. / MEMÓRIAS, 50, 2015